

## Referências para O Estudo da Etnobotânica dos Descendentes Culturais do Africano no Brasil

Ulysses P. ALBUQUERQUE

*Laboratório de Etnobotânica e Botânica Aplicada, Departamento de Botânica-CCB, Universidade Federal de Pernambuco, Av. Prof. Nelson Chaves s/n, Recife, PE, Brasil.*

---

**RESUMEN.** Se hace una revisión sobre el uso de las plantas en las comunidades afrobrasileñas. Se realiza la necesidad de interdisciplinaridad en estudios futuros.

**SUMMARY.** "References for the Study of Ethnobotany of the Cultural Descendants of African people in Brazil". A review is given on the use of plants by the afro-brazilian communities. Emphasis is placed in the interdisciplinary nature of future researches in this subject.

---

### INTRODUÇÃO

O Brasil, como enfatizou Santos<sup>1</sup>, é um país afro-luso-americano. Marcadamente africano pela profunda influência que se pode sentir pela assimilação dos costumes, tradições, religião, culinária e folclore do negro que foi elemento base no desenvolvimento da economia agrícola e minéria no período colonial e que imprimiu ao longo do tempo as suas marcas no Brasil<sup>1</sup>. Visto esse fato por outro ângulo, o negro fez fortemente sentir a sua influência nos sistemas médicos tradicionais, lastreada por uma história empírica de convívio com a natureza e os recursos que dela buscavam nas preparações medicamentosas, onde vegetais, minerais e animais se associavam. Em função disso registra-se uma história botânica das trocas entre os povos africanos e os americanos. Rodrigues<sup>2</sup> foi um dos pesquisadores que discutiu sobre a predominância do povo africano que veio para o Brasil na condição de escravo, de onde surgiu o exclusivismo Sudanês em contraposição ao Banto defendido e propagado por pesquisadores diversos.

Segundo Ramos<sup>3</sup> a cultura Yorubá forneceu um grande número de negros para o Brasil, originários da Costa dos Escravos. Muitos grupos genericamente conhecidos no Brasil por Nagô

vieram do sul e do centro do Daomé (de onde provém a maior parte dos Nagô brasileiros) e do sudoeste da Nigéria<sup>1</sup>. Dos negros de origem Banto vieram populações do Congo, de Angola e Moçambique, que chegados no Brasil no período colonial foram localizados nos atuais estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, enquanto os sudaneses (Jêje de Daomé e Nagô), que incluíam os grupos da África Ocidental (Nigéria, Benim), foram instalados nas zonas urbanas das principais capitais do Norte e Nordeste do país, como Salvador e Recife<sup>1,4</sup>.

O candomblé, como um modelo de religião, congregação das sobrevivências étnicas da África, encontrou no Brasil campo vasto para disseminação e reinterpretação de acordo com a região em que se desenvolveu<sup>5</sup>. A organização dos modelos (nações) em função de similitudes lingüísticas permite apresentar o candomblé com o seguinte quadro: Nação Ketu-nagô (Yorubá), Nação Jeexá ou Ijexá (Yorubá), Nação Jêje (Fon), Nação Angola (Banto), Nação Congo (Banto), Nação Angola-congo (Banto), Nação de Caboclo (modelo afro-brasileiro)<sup>5</sup>. Acrescente-se que a utilização do binômio Jêje-nagô (muito empregado por pesquisadores), figura-se como uma união onde imperam motivos éticos e ri-

**PALABRAS CLAVE:** Etnobotânica, Comunidades afrobrasileñas, Botânica económica.  
**KEY WORDS:** Ethnobotany, Afro-brazilian communities, Economic botany.